

UMA APRESENTAÇÃO DA *REVUE PHOTOGRAPHIQUE DES HÔPITAUX DE PARIS**

James Roberto Silva**

Origens

Em 1869, entre os barracos do Hospital Saint-Louis, surgia a *Revue Photographique des Hôpitaux de Paris*, descendente direta de outra publicação marcante no campo da fotografia médica, a *Clinique Photographique de l'Hôpital Saint-Louis*. Esta, que sucedeu a outras experiências de aplicação da fotografia às ciências médicas,¹ veio a público em 1868,² concebida por dois médicos do Hospital Saint-Louis, dedicados naquele momento a elaborar, a um só tempo, uma representação das doenças da pele e um recurso visual de utilidade didática para o ensino da dermatologia: os senhores Alfred Hardy³ e A. de Montméja⁴. A obra aparece em grande formato, 30 cm x 22 cm, e traz 49 estampas fotográficas que apresentam microfotografias, detalhes de partes do corpo afetadas em geral por dermatoses e algumas fotos em que o corpo aparece integralmente ou quase. No ano seguinte, como prolongamento dessa iniciativa, surge a *Revue Photographique des Hôpitaux de Paris*.⁵

Embora não se saiba o número de exemplares alcançado pela *Clinique Photographique*, ela teve uma circulação que lhe garantiu notoriedade entre os profissionais de medicina, como se pode inferir pela recepção merecida na Academia Imperial de Medicina, à qual Hardy ofereceu um exemplar da obra. Na ocasião de entrega do volume, seu autor não pôde deixar de frisar a supremacia da representação visual, mesmo sobre a mais precisa das descrições, quando se trata do estudo das doenças de pele.⁶

A *Clinique Photographique* não constituiu, como foi dito acima, a primeira experiência com fotografia em medicina. Antes, outros médicos ou mesmo fotógrafos já haviam testado as possibilidades da nova técnica (ver Nota 1). Nenhuma dessas experiências, no entanto, deu lugar a uma forma sistemática de emprego da fotografia nesse campo.

Antes, constituíram casos pontuais, apenas às vezes retomados. A particularidade da *Clinique Photographique* é que ela dá origem a uma prática que ganhará sua autonomia e que persistirá, por quase oito anos (1869-1876), nas páginas da *Revue Photographique des Hôpitaux de Paris*, surgida sob o impulso daquela publicação. Este caso de paternidade reivindicada pode bem ser observado pela semelhança guardada entre as duas iniciativas no tocante à organização e à apresentação gráfica dos clichês, bem como ao modo de fotografar os doentes: enquadramento, utilização de fundos neutros, etc. Com o passar dos anos, a difusão, através da *Revue Photographique*, desse emprego da fotografia como um instrumento auxiliar do clínico será repercutida entre outras publicações periódicas médicas. Torna-se comum, nessas revistas, a reprodução de registros fotográficos de doenças, por meio de fotografias e microfotografias de clientes, de órgãos humanos, etc.

Publicada mensalmente e sem interrupções, entre 1869 e meados de 1876, a *Revue Photographique* era dirigida por Montméja e J. Rengarde,⁷ também médico do Hospital Saint-Louis. Nessa época, eles tinham instalado, em dependências do próprio hospital, estúdio e laboratório fotográficos para realização de seus registros, alguns dos quais seriam, doravante, publicados a cada nova edição do periódico. A nova revista, que surgiu com a finalidade de “publicar os casos mais interessantes recolhidos nos hospitais de Paris”, era apresentada nas dimensões de 22 cm x 14 cm; continha em média dezesseis páginas, e de duas a quatro fotografias por edição, devendo em princípio totalizar uma coleção de 36 clichês ao final de cada ano. O repertório de fotografias médicas concentrado na *Revue Photographique* representa uma condição singular para compreender, em sua fase incipiente, o processo pelo qual a fotografia foi introduzida no laboratório, na clínica e no hospital, prática que se firmou e se difundiu.

As fotografias eram feitas em papel albuminado, depois coladas sobre pranchas de cartão e encartadas na revista sem serem contadas como página. Cada clichê vinha acompanhado das observações do médico responsável pelo paciente fotografado por Montméja. A apresentação das fotos no corpo da revista jamais diferia, e as legendas sempre ocupavam a mesma posição na página. Tinham em geral um fundo muito simples, neutro ou chapado, que pouca ou nenhuma interferência exerciam sobre a imagem principal, de modo a convergir a atenção para o referente.

Os textos dos médicos traziam quase sempre as mesmas informações, variando muito pouco a ordem seguida, que correspondia, em geral, ao seguinte esquema:

a) apresenta o paciente; descreve seu estado de saúde pregresso e o comportamento do doente como parte do histórico da doença; dá o nome do paciente, idade, data de entrada no hospital, e diz para onde e para quem é encaminhado;

- b) descreve plástica e fisicamente o problema; descreve os sintomas e a patologia, as reações do paciente, as mudanças em sua vida;
- c) dá o histórico da doença;
- d) descreve a evolução da doença já no período de hospitalização; comenta efeitos, sintomas; descreve a intervenção, a operação ou o tratamento; descreve suas fases;
- e) comenta a alta e o restabelecimento; prescreve um tratamento cujo resultado promete relatar futuramente (o que nem sempre era cumprido).

Mais imagem, menos texto

A *Revue Photographique* surge com o propósito de divulgar, por meio do texto associado à fotografia, o conhecimento médico sobre as doenças, com destaque para as dermatológicas. O periódico combinava fotos de doentes com comentários, geralmente breves, sobre o caso representado. As fotos apresentavam, na maioria das vezes, doentes afetados por moléstias com sintomas de aparência evidente, como febres eruptivas, cancro, tumores, bem como problemas congênitos, como os casos teratológicos, paradas de desenvolvimento, etc. Mas não traziam somente as doenças visíveis; afinal, também se encontram na revista, entre as dezenas de dermatoses e tumores, casos de miopatia e hemi-plegia – cujas respectivas manifestações são a atrofia dos músculos e a imobilização parcial do corpo –, bem como de doenças mentais, todos com sintomas nem sempre aparentes.

A rigor, a *Revue Photographique* constituiu a primeira experiência em fotografia médica na França (as experiências de Donné e Duchenne de Boulogne surgem como autônomas, desvinculadas da rotina hospitalar ou clínica, ao contrário do que se passava com Montméja e Rengarde); e era a primeira experiência fotográfico-científica conduzida sistematicamente ao longo de anos e com a expressa finalidade de vulgarização. Outras experiências, contemporâneas e posteriores às da dupla do Hospital Saint-Louis – como as de E. Muybridge (1830-1904), do astrônomo J. Janssen (1824-1907), de E. J. Marey (1830-1904) e de A. Londe (1858-1917) –, procuravam o caminho de fixar na fotografia imagens fugidias ao olho (experiências que se deram por bem-sucedidas ao permitirem “observar” pela (crono)fotografia o que sem ela não seria possível “ver”), como o vôo de um pássaro, o trote de um cavalo, o andar humano, etc., o que estava fortemente subordinado à busca de aperfeiçoamento técnico. Montméja e Rengarde, por sua vez, evidentemente respaldados por Hardy, lançavam mão do que já é largamente sabido em fotografia; nenhuma técnica recente é empregada e tampouco uma nova é desenvolvida para reproduzir e exibir algo que, de fato, não dependia da fotografia para ser visto.

A *Revue Photographique* não busca nem representa, portanto, um salto técnico (a colorização de alguns dos clichês, que procurava aproximar a representação fotográfica do modelo real, estava longe de constituir uma inovação), tampouco pretende alargar o conhecimento em fotografia; o que ela apresenta constitui antes uma experiência (talvez inovadora) no campo do conhecimento, ao propor uma heurística nosológica. Nesse sentido, ainda que não se possa afirmar que a revista tenha se tornado um paradigma para outras que a sucederam, ela foi, sem dúvida, um marco, mesmo que não reconhecido como tal na época, ao efetivamente propor uma representação do doente e da doença por meio da fotografia.

Na análise de textos e imagens, resta sempre uma indagação que concerne a um limite ou a uma distinção, se é que estes existem: tratam essas fotografias de representar a doença ou o corpo doente? Ou seriam os dois um só? Embora os corpos de tantos pacientes tenham sido por excelência o terreno de estudos dos médicos, estes em geral pensavam estar lidando antes com patologias do que com pessoas e seus corpos. Este campo de provas que é o corpo humano, permanente objeto do conhecimento, nem sempre é tomado pelo que ele é – um corpo –, por anatomistas, clínicos, psiquiatras, etc., mas antes pelas manifestações que nele se instalam ou que dele tomam conta, como as doenças, as anomalias, a loucura e os casos de teratologia.

Para cercar esse tema, dois caminhos, talvez indissociáveis, são possíveis: um é o que passa pelos textos médicos; outro, o que se percorre observando-se as fotografias, pelo qual começaremos.

Uma classificação sumária considerando as *regiões do corpo visadas ou reproduzidas nas fotografias*, realizada sobre o universo das 36 primeiras fotografias publicadas durante o primeiro ano da *Revue Photographique*, dá uma idéia da sua temática.⁸ Dos 36 clichês do ano de 1869, um grupo de 23 representam externamente o corpo ou parte dele, e três são fotografias tomadas de moldes de cera;⁹ sete clichês representam o crânio ou partes do esqueleto humano; um representa o cérebro; e três são microfotografias.

As 23 fotografias representando o corpo dividem-se ainda entre as que exibem grande parte do corpo ou o corpo inteiro (4); somente a metade superior do corpo (9) ou a inferior (11); o tronco (6); a cabeça (7); apenas a parte especificamente afetada (13); pessoas do sexo masculino (11) ou feminino (8); crianças (5); e, finalmente, algumas exibindo afecções que recaem especialmente sobre os membros superiores (2) ou inferiores (6).

O cruzamento desses dados com, por exemplo, os tipos de manifestação externa das doenças que afetavam os pacientes faz surgir uma enorme quantidade de informações complexas, que tornam essas fotografias uma brecha privilegiada para esmiuçar o pensamento médico-científico daquele período e compreender o que estava implicado na maneira de a ciência médica representar as doenças.

Repertório

Em meio ao repertório das fotografias encartadas na *Revue Photographique*, figuravam doenças como, por exemplo, “elefantíase do pênis”, que abre o primeiro número da revista em 1869. Esse clichê foi um dos poucos realizados usando-se molde em cera, cuja peça, ainda hoje, está em exposição no *Musée des Moulages* do Hospital Saint-Louis, e não do corpo do próprio paciente.¹⁰ A completa ausência de vínculo entre o tratamento da enfermidade e a realização do molde, com a posterior tomada fotográfica, denota que o papel que exerciam tais formas de representação ou de registro do corpo doente estavam no nível da documentação e da classificação, transitavam no campo da curiosidade e do exotismo. O argumento de que eram produzidos preponderantemente com finalidade didática não deixa de ser válido, embora permaneça difícil perceber que contribuição tais imagens poderiam dar do ponto de vista tanto da semiologia quanto da terapêutica. As imprecisões vividas naquele tempo em relação à caracterização das doenças e ao surgimento freqüente de novas moléstias faziam que a classificação nosológica se alargasse para abarcar a maior variedade possível de casos, e este era um outro complicador.

Na edição de 1869, apenas mais um caso de elefantíase, desta vez afetando os membros inferiores, será representado. As pernas e os problemas que as afetam compunham, aliás, um tema bastante recorrente na *Revue Photographique*. Em 1869, seis são as fotografias cujo problema retratado afetava os membros inferiores, enquanto apenas duas exibiam problemas nos braços; em 1870, serão quatro fotos sobre problemas nos membros inferiores; em 1871, seis; 1872, treze, etc. Havia, de fato, um destaque para os problemas de articulação, dos ossos, ou que comprometiam a locomoção, como as miopatias, que afetam a musculatura. Nessas fotos, os pacientes poderiam aparecer deitados, em pé ou sentados; para cada uma das posições eram adotados tratamentos estéticos específicos, que fazem pensar que, para o médico-fotógrafo da *Revue Photographique*, mostrar a doença era, às vezes, secundário. Numa fotografia de 1874, por exemplo, a composição da pose das pernas de um paciente, com braços e mãos fora da cena, sugerindo estarem voltados para trás, mais a pequena coluna por detrás, evoca fortemente *A flagelação de Cristo* (c. 1480), de Luca Signorelli ou, caso se queira, *O martírio de São Sebastião* (c.1473), de Pollaiuolo, ou mesmo *Nascimento de Vênus* (c. 1480-85), de Botticelli, ou ainda *Vênus* (1490), de Lorenzo di Credi. E pode-se ir ainda além no deslindamento de uma fotografia como essa.

Num outro exemplo, em que também as pernas são o tema da composição, a paciente sofre de uma contratura histérica por tratamento de choque. Neste caso, a pose não remete imediatamente a um modelo; vários poderiam ser tomados como inspiração, como o que

vemos na tela *O Antíope* (1524-25), de Corregio. Essa pretensão artística em fotografias de pacientes ou de experiências com o corpo já podiam ser notadas nas experiências de Duchenne, cujas intenções estéticas eram declaradas,¹¹ que precedem em mais de uma década as fotografias de Montméja.

Mais marcante do que isso, porém, é o procedimento do recorte produzido pelo enquadramento fotográfico, que parcela os corpos como peças avulsas. Os exemplos seriam intermináveis, e o método pode ser compreensível se pensarmos que a medicina deveria estar interessada nas partes do corpo especificamente atingidas pela doença. No entanto, a numerosa ocorrência de clichês, expondo o corpo muito mais do que o supostamente necessário para mostrar um sinal, um sintoma aparente, desautoriza a crer que a fragmentação dos corpos nas imagens constituía uma visão objetiva sobre o problema a ser destacado, como acreditamos que seja, hoje, uma fotografia médica: seletiva, restritiva, específica do local afetado, sem elementos supérfluos, com iluminação chapada, e que preserve a identidade do paciente – como se observa, por exemplo, nas atuais revistas de dermatologia.

Em todo caso, o que se pode inferir de imediato é que muito do que julgavam como objetividade estava investido na apresentação das pranchas, a perene disposição vertical da estampa, o fio retangular delimitando as margens da fotografia, o recurso ao fundo chapado em cinza escuro ou médio, a tomada preponderantemente frontal do paciente. As concessões aos intrínsecos interesses voltados ao progresso dos conhecimentos médicos surgiam na forma daquilo que o próprio diretor do jornal classificava (de resto, em conformidade com os apelos de seus leitores) como curiosidade e fantasia:

*L'esprit de la rédaction de notre Revue sera bien différent, à l'avenir, de ce qu'il a été jusqu'ici, et nous nous conformerons avec expressément aux désirs de la majorité de nos lecteurs, en donnant le vrai caractère d'une Revue à notre publication. Les articles seront nombreux, condensés et éminemment pratiques. La fantasia et la curiosité céderont toujours le pas à l'utile (...)*¹²

Era especialmente em estampas de malformações fetais e de casos teratológicos que se exprimiam a “fantasia e a curiosidade” na *Revue Photographique*. É o que se pode interpretar pela ausência desses representantes a partir de 1874. Nenhuma mudança mais significativa se observou após esse período. Ao contrário da tendência verificada na *Clinique Photographique*, orientada para os problemas dermatológicos, na *Revue Photographique* foram as doenças que afetavam ossos e articulações que se fizeram maioria entre os clichês fotográficos, com 47 casos, dos quais 43 atacavam os membros inferiores – lembrando que nos oito anos de atividade da revista foi apresentado um total de 268 fotografias. As doenças de pele estiveram representadas 26 vezes, mas com uma firme regula-

ridade, estando ausentes apenas em 1875. Além dos males que atingiam articulações e ossatura, e dos dermatológicos, as únicas afecções com aparição mais regular, ao longo da existência da revista, eram as que se propagavam nas glândulas, com treze ocorrências. Doenças localizadas nos genitais tiveram igualmente treze comparecimentos, porém concentrados em 1869 e 1874-1875; problemas de desenvolvimento dos tecidos estiveram representados onze vezes; as vísceras figuraram como região atacada em cinco ocasiões; da mesma forma, o cérebro e o aparelho nervoso cada um registrava cinco ocorrências.

Epílogo

Naquele mesmo “Aviso” já mencionado aqui, que surgiu em 1873 no número de fechamento da revista, Montméja, embalado pelo “sucesso de nossa publicação”, anunciava certas mudanças editoriais, atendendo ao desejo de seus leitores; prometia um preço menor e ainda a aquisição de “aparelhos potentes, destinados a trabalhos micrográficos”.¹³ Contudo, dois anos e meio após ter feito estas declarações, o periódico simplesmente deixou de aparecer. Sobre isto, houve apenas silêncio por parte das outras revistas médicas. A despeito do “sucesso” que Montméja dizia ter alcançado a *Revue Photographique*, seu desaparecimento parece, afinal, ter sido pouco notado e sua passagem, logo esquecida.

Sobre a última fotografia estampada no derradeiro número publicado da *Revue Photographique*, em 1876, alguém, anos depois, escreveu: “*Dernière planche parue*” [“Última prancha aparecida”]. E sobre a página final, a mesma mão deixou, na data de 26 de fevereiro de 1880, gravado a lápis: “*Cette publication a été interrompue ici et ne paraît pas devoir être continuée*” [“Esta publicação foi interrompida aqui e não parece que deverá continuar”].

Recebido em julho/2002; aprovado em agosto/2002

Notas

¹ Este artigo foi escrito no quadro de um estágio de doutorado, financiado pela Fapesp, realizado no Centre de Recherche Médecine, Sciences, Santé et Société – Cermes, Paris.

² O autor é bolsista da Fapesp e doutorando em História Social pelo Departamento de História da FFLCH da USP.

³ Refiro-me a DONNÉ, A. e FOUCAULT, L. *Cours de microscopie élémentaire des études médicales et physiologiques*. Paris, 1845; SAMPSON, M. B. *Rationale of crime and its appropriate treatment*. EUA, 1846; DIAMOND, H. W. *The face of madness*. Londres, 1852; HEBRA, F. *Atlas das doenças da pele*. Viena,

1856; DUCHENNE DE BOULOGNE, G. B. A. *Mécanisme de la physionomie humaine*, Paris, 1862 (fontes: O'CONNOR, Erin. Camera medica. Towards a morbid history of photography. *History of Photography, Medicine and photography*. Oxford, Linacre College; Londres, Taylor & Francis, v. 23, n. 3, autumn 1999, p. 232-244; SICARD, M., PUJADE, R. e WALLACH, D., *À corps et à raison. Photographies médicales, 1840-1920*. Paris, Marval et Mission du Patrimoine Photographique, 1995).

² Reproduzo, aqui, a Nota 4 da Apresentação: A *Clinique photographique*, que aparece como volume único em 1868; constituiu na verdade a reunião de uma série de quatorze edições menores, surgidas a partir de 1867, cada uma contendo em média quatro pranchas, totalizando ao final 49 fotografias (Régnier, 1995, p. 811).

³ Louis Philippe Alfred HARDY (Paris 1811- id. 1893) começa sua carreira como interno de hospitais em Paris, tornando-se médico do Hospital Saint-Louis em 1851. Em 1862, ele oferece seu primeiro curso de dermatologia e, em 1867, é nomeado professor de patologia interna na Faculdade de Medicina de Paris. Hardy ficou mais reconhecido como dermatologista, mas seu interesse era variado, tocando temas como contagiosidade da lepra, profilaxia da tuberculose, queda populacional na França, etc. São também de sua autoria *Leçons sur les maladies de la peau* (1858), *Traité des maladies de la peau* (1864), *Leçons sur les maladies dartreuses* (1869) e *Traité pratique des maladies de la peau* (1886) (v. DUPONT, Michel (Préface), *Dictionnaire historique des médecins dans et hors de la médecine*, Paris, Larousse-Bordas, 1999).

⁴ A. de MONTMÉJA (1841-?) – Pouco se sabe sobre ele. Era ex-interno do Hospital Saint-Louis quando, após sua colaboração com Hardy em *Clinique photographique*, tornou-se chefe da clínica oftalmológica. Participou também, com E. MAYER, em *Traité des opérations qui se pratiquent sur l'oeil* (1870) e, novamente, com HARDY, em *Chronique photographique des maladies de la peau* (1882), obra que consta nos compêndios bibliográficos, mas que não se encontra nas coleções por mim consultadas.

⁵ De 1869 a 1872, a revista é denominada *Revue Photographique des Hôpitaux de Paris*; a partir de 1873, é chamada *Revue Médico-Photographique des Hôpitaux de Paris*. No relatório, a revista será referida como *Revue Photographique*.

⁶ “M. Hardy offre à l'Académie la dernière livraison de sa *Clinique photographique de l'Hôpital Saint-Louis*, et “à cette occasion il rappelle à l'Académie les spécimens de photographies qu'il a eu l'honneur de lui présenter déjà, relativement aux maladies de la peau. Grâce au bienveillant concours de M. le directeur de l'Assistance publique [M. Husson], M. Hardy a pu continuer ses recherches. Un laboratoire spécial de photographie, en effet, parfaitement disposé, a été établi à l'Hôpital Saint-Louis. Pour l'étude des maladies de la peau, ajoute M. Hardy, les meilleures descriptions ne valent pas des dessins et des dessins coloriés; c'est pourquoi M. Hardy n'a pas cessé de travailler à perfectionner, par tous les moyens possibles, à l'aide de dessins et de photographies coloriées, toutes les nuances des maladies de la peau que les descriptions ne peuvent pas rendre (...)”. (*Bulletin de l'Académie Impériale de Médecine*, 19 janvier 1869, Paris, t. 34, n. 1, pp. 29-30). (“Sr. Hardy oferece à Academia o último número de sua *Clinique photographique* do Hospital Saint-Louis e, nesta ocasião, menciona os exemplares de fotografias, com os quais ele teve a honra de presentear a Academia, relativas a doenças da pele. Graças ao feliz auxílio do Diretor da Assistência Pública [Sr. Husson], o Sr. Hardy pôde continuar suas pesquisas. Um laboratório especial de fotografia, perfeitamente montado, foi implantado no Hospital Saint-Louis. Para o estudo das doenças da pele, acrescenta Sr. Hardy, as melhores descrições não valem pelos desenhos e pelos desenhos coloridos; é por isso que o Sr. Hardy não cessa de trabalhar para tornar perfeitas, por todos os meios possíveis, recorrendo a desenhos e a fotografias colorizadas, todas as nuances da doenças da pele que as descrições não podem oferecer (...). [Esta tradução e as demais que surgirem são da lavra do autor.]

⁷ A partir de 1870, aparecem como responsáveis pela revista Montméja e Bourneville; a partir de 1873, Montméja será seu único diretor.

⁸ A riqueza da coleção que a revista oferece poderia, no entanto, suscitar várias outras classificações: por tipo de doença; por sua localização; por caracteres dos pacientes; pela posição como o paciente é representado; pelo modo da tomada fotográfica; pelas características plásticas da composição fotográfica, etc.

⁹Os moldes de cera eram o meio empregado para representar sobretudo as doenças da pele, até serem paulatinamente substituídos pela fotografia. Malgrado a verossimilhança alcançada pelas moldagens na reprodução de partes doentes do corpo, o alto custo, a demora no preparo, a não reprodutibilidade das peças, a dificuldade do transporte e da conservação levaram a substituí-los pela fotografia como forma de reprodução e como instrumento didático. A maior parte dessa produção é devida ao moldador Jules Baretta, cuja coleção é guardada no museu do Hospital Saint-Louis. Cf.: TILLES, G. *Histoire des bibliothèques médicales et des musées des hôpitaux de l'Assistance Publique à Paris. L'exemple de l'Hôpital Saint-Louis*. Paris, Tese de Doutorado em Letras e Ciências Humanas, Université Paris 12, 1995.

¹⁰A passagem do molde para a fotografia apontava para uma forma de representar o corpo que correspondia a um afastamento, a uma supressão de qualquer contato físico com ele. Se o molde em cera exigia, para ser produzido, o contato do gesso com a pele do paciente, a fotografia nada exige além do reflexo luminoso proveniente do corpo. Isto assinala uma semelhante tendência na clínica médica ao mínimo contato entre doutor e enfermo. Outra passagem também significativa quanto ao estatuto do corpo como ente capaz de representar a si mesmo é o fato de que, algumas vezes, ao longo dos anos de existência da *Revue Photographique*, para representar o corpo doente tenham fotografado o *molde* em lugar do *próprio* corpo enfermo. Neste processo, o corpo passou por uma dupla substituição, e a fotografia resultante é a representação de uma representação.

¹¹Esse aspecto da obra de Duchenne de Boulogne foi bem abordado em três ensaios de um catálogo sobre uma exposição de suas fotografias: "Duchene de Boulogne, photographe malgré lui?", de C. MATHON (pp. 11-25); "Une leçon de Duchenne", por Jean-François DEBORD (pp. 27-40) e "L'expression des passions: Duchene de Boulogne, héritier de la doctrine académique", de Emmanuel SCHWARTZ (pp. 87-97). MATHON, C. (dir.). *Duchenne de Boulogne, 1806-1875*. Paris, École Nationale Supérieure de Beaux-Arts, 1999.

¹²Escrito por Montméja, o único dirigente da revista nessa ocasião, o parágrafo transcrito surgiu no encerramento da revista, no ano de 1873, encabeçado pelo título "Avis": "O espírito da redação de nossa Revista será bem diferente, no futuro, do que foi até aqui, e nos conformaremos terminantemente aos desejos da maioria de nossos leitores, dando o verdadeiro caráter de uma Revista à nossa publicação. Os artigos serão numerosos, condensados e eminentemente práticos. A fantasia e a curiosidade darão, sempre, lugar ao útil (...)" (*Revue Médico-Photographique des Hôpitaux de Paris*, 1873, p. 256).

¹³Idem, *ibidem*, p. 256.